

IN MEMORIAN

Prof. Dr. Renato Alves de Godoy

O contador de histórias*

No início do mês, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto homenageou o Prof. Renato Alves de Godoy, dando seu nome ao conjunto de enfermarias gerais do 5º andar, do Hospital das Clínicas, no Campus da USP. Naquela ocasião, o “Dr. Renato”, como é carinhosamente tratado por seus discípulos, completava 78 anos, dezenas deles dedicados ao ensino clínico nas enfermarias gerais do antigo HC, à rua Bernardino de Campos, e nas do Campus.

Nesta época de medicina ultra-especializada e tecnologicizada, o sucesso do Dr. Renato em ensinar e praticar a clínica médica geral, não compartimentalizada, fundada mais na história e exame do paciente do que em testes laboratoriais e, principalmente, em uma grande dose de humanismo, explicam porque ele fez uma escola tão numerosa e porque este tipo de prática médica está sendo ressuscitada em todo o mundo, na forma de medicina de família.

Nos meus quase 30 anos de vivência no meio médico e universitário, conheci apenas quatro professores que se encaixavam no estereótipo que o público leigo costuma associar ao “cientista”, que corresponde ao indivíduo meio desligado da realidade, com toque de genialidade e o Dr. Renato é o único deles que militava na atividade clínica. No seu caso, esta genialidade manifestava-se, sobretudo, na engenhosidade com que construía e utilizava aparelhos (sondas, eletrodos, registradores) para analisar a fisiologia humana, o que lhe permitiu, por exemplo, esclarecer muitos mistérios da doença de Chagas. E no modo como desvendava os complexos casos clínicos da enfermaria geral, valorizando a “prosa” longa com o paciente, a observação e a evolução dos

seus sinais físicos e, principalmente, a semelhança com inúmeros outros casos que presenciara em sua carreira médica. Daí se acostumarem os seus discípulos a ouvirem suas intermináveis “estórias clínicas”, cheias de sabedoria e folclore, antes de extraírem do mestre a sua opinião sobre o diagnóstico em questão, tornando as longas manhãs de trabalho, na enfermaria geral, diferentes de todas as outras do hospital.

Em comum com muitas personalidades geniais, via-se um Dr. Renato bastante tímido, humilde, avesso à autoridade, à organização, à política e à etiqueta e, acima de tudo, muito generoso, nunca negando ajuda aos inúmeros colegas e estudantes que lhe levavam problemas complexos, sejam científicos, sejam clínicos.

Na sua despedida da carreira universitária, em 1988, dezenas de discípulos e colegas do Dr. Renato lotaram um dos salões da Sociedade Recreativa para homenageá-lo e muitos deles retornaram ao 5º andar do HCRP, no final de tarde do último dia 1º de agosto. Na sua curtíssima fala, ele agradeceu a um colega psiquiatra que, ainda em São Paulo, aconselhou-o a abandonar um profícuo emprego e se ligar à Universidade, “para ensinar e pesquisar, as únicas coisas que sei fazer”. Fazia-o tão bem e de um modo tão peculiar que, até hoje, não se encontrou um substituto para ele na enfermaria geral do HCRP e, provavelmente, nunca se encontrará.

Prof.Dr. JÚLIO C. VOLTARELLI
Docente do Departamento de Clínica Médica da
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP

*Reproduzido da “Folha de São Paulo” de 21 de agosto de 1996.

P.S.: A mensagem abaixo, enviada pelo meu companheiro de dupla na Residência de Clínica Médica, bem retrata tanto o estilo peculiar do Dr. Renato ensinar Medicina como o enorme carisma que tinha entre seus discípulos.

“Folheando o jornal do SIMESP, tomo conhecimento da morte do Prof. Renato Godoy. A maior parte do que aprendi em Clínica Médica devo ao mestre Renatinho, como carinhosamente o chamávamos na época. Com os estudantes em volta do leito do paciente, lembro-me quando ele sacou de um pedaço de espátula de madeira, fixou-o com esparadrapo no pescoço do paciente e nos mostrou como aparecia o pulso venoso. E as derivações esofagianas do seu ECG, então? Com o cigarro no canto da boca e as cinzas caindo sobre a camisa, ele nos prendia à frente do negatoscópio concluindo as evidências do seu diagnóstico. A todos os amigos e colegas que puderam compartilhar da sabedoria médica do Professor Renato envio um forte abraço, com a certeza de que arcanjos e querubins não ficarão mais sem diagnóstico no reino do além.”

Nelson Narkevics, XVI Turma, 1972.